

Relatório de análise setorial da indústria baiana

Edição 03 | Ano 2011

Diretoria Executiva
Superintendência de Desenvolvimento Industrial





Relatório de análise setorial da indústria baiana



O Relatório de Análise Setorial da Indústria Baiana é uma publicação trimestral da Federação das Indústrias do Estado da Bahia (FIEB), produzido pela Superintendência de Desenvolvimento Industrial (SDI).

Presidente: José de Freitas Mascarenhas

Diretor Executivo: Roberto de Miranda Musser

Superintendente: João Marcelo Alves
(Economista, Mestre em Administração pela UFBA/ISEG-UTL,
Especialista em Finanças Corporativas pela New York University)

Equipe Técnica:

Marcus Emerson Verhine
(Mestre em Economia e Finanças pela Universidade da Califórnia)

Carlos Danilo Peres Almeida
(Mestre em Economia pela UFBA)

Ricardo Menezes Kawabe
(Mestre em Administração Pública pela UFBA)

Mauricio West Pedrão
(Mestre em Análise Regional pela UNIFACS)

Everaldo Guedes
(Bacharel em Ciências Estatísticas – ESEB)

Diagramação e Editoração: Superintendência de Comunicação Institucional

Data de fechamento: 21 de dezembro 2011

Críticas e sugestões serão bem recebidas.

Endereço Internet: <http://www.fieb.org.br>

E-mail: sdi@fieb.org.br

Reprodução permitida, desde que citada a fonte.



A produção da indústria de transformação baiana apresenta retração em 2011

Em outubro, a taxa anualizada da produção física da indústria de transformação da Bahia foi de -5%, após registrar queda de 4,2% em setembro, mantendo a trajetória descendente iniciada no último trimestre do ano passado, ficando em antepenúltimo lugar no ranking dos treze estados que participam da PIMPF-R, acima apenas do Espírito Santo e do Ceará. Tal resultado pode ser atribuído à retração de quatro dos oito segmentos pesquisados: Produtos Químicos/ Petroquímicos (-13,4%), Metalurgia Básica (-10,4%), Refino de Petróleo e Prod. de Álcool (-4,7%), Veículos Automotores (-3%). Por outro lado, os segmentos de Alimentos e Bebidas (7,5%), Minerais não-metálicos (7,1%), Borracha e Plástico (4,4%) e Celulose (0,9%) apresentaram resultados positivos.

Na comparação do acumulado de janeiro a outubro de 2011 com igual período do ano anterior, a produção física da indústria de transformação baiana registrou queda de 4,4% (contra uma alta de 0,7% da média nacional), refletindo, principalmente, a interrupção do fornecimento de energia elétrica que atingiu o Nordeste no início de fevereiro, com maior impacto sobre o Pólo Petroquímico de Camaçari. Apresentaram resultados negativos: Metalurgia Básica (-11,6%, queda na produção de alumínio não ligado em formas brutas, por conta do fechamento da planta da Novelis no final de 2010, e de ouro em barras), Produtos Químicos/Petroquímicos (-10,2%, menor fabricação de etileno não-saturado, polietileno de alta e baixa densidade e polipropileno, ainda influenciado pela paralização técnica provocada pelo desligamento do sistema elétrico da Região Nordeste em fevereiro), Refino de Petróleo (-5,7%, redução na fabricação de naftas para petroquímica e óleo diesel), Veículos Automotores (-2,6%) e Celulose e Papel (-0,5%). Por outro lado, registraram resultados positivos: Alimentos e Bebidas (7,5%, aumento na produção de refrigerantes, cerveja e chope), Minerais não-metálicos (7%) e Borracha e Plástico (4,3%).



Relatório de análise setorial da indústria baiana

Na comparação de outubro de 2011 com igual mês do ano anterior, a produção física da indústria de transformação baiana apresentou queda de 3,6% (contra uma queda de 2,4% da média nacional). Três dos oito segmentos da Indústria de Transformação registraram crescimento da atividade, como segue: Celulose e Papel (7,1%, devido ao aumento da produção de celulose), Refino de Petróleo e Prod. de Álcool (1,8%, aumento da produção de álcool, gasolina automotiva e óleos lubrificantes básicos) e Alimentos e Bebidas (0,9%). No entanto, cinco segmentos registraram queda na atividade: Veículos Automotores (-43,1%, redução influenciada pela concessão de férias coletivas em importante empresa automobilística), Metalurgia Básica (-10,3%, redução na fabricação de alumínio não ligado em formas brutas e ouro em barras), Produtos Químicos/Petroquímicos (-9,5%, devido ao recuo na produção de hidróxido de sódio ou de potássio, misturas de alquilbenzenos e polietileno de alta densidade), Minerais não-metálicos (-0,9%), Borracha e Plástico (-0,3%).

A produção de petroquímicos representou uma influência negativa para o agregado da indústria de Transformação da Bahia em virtude principalmente da interrupção do fornecimento de energia elétrica verificada em fevereiro, comprometendo o resultado do agregado na análise anualizada. Por outro lado, a atividade dos segmentos produtores de bens de consumo tem se mantido aquecida, influenciando positivamente o agregado, apesar da tendência de arrefecimento no segmento de Veículos Automotores.



DESTAQUES SETORIAIS:

Refino de Petróleo e Produção de Álcool

O segmento de refino da Bahia apresentou resultados negativos nos primeiros dez meses do ano, com destaque para as quedas na produção de óleo diesel (-8,5%), nafta (-4,3%) e GLP (-14,5%). O desempenho negativo pode ser explicado pela base de comparação elevada de 2010, que apresentou produção recorde para o período de janeiro a outubro. O plano de negócios da Petrobras para o período de 2011-2015 prevê investimentos para a Bahia de US\$ 9,874 bilhões, assim distribuídos: (i) US\$ 6,018 bilhões em Exploração e Produção; (ii) US\$ 1,824 bilhão em Refino, Transporte e Comercialização; (iii) US\$ 1,716 bilhão em Gás, Energia e Gás-Química; (iv) US\$ 7 milhões em Biocombustíveis; (v) US\$ 273 milhões em Distribuição e (vi) US\$ 36 milhões na área Corporativa. Na área de Gás, Energia e Gás-Química, os investimentos serão direcionados para o novo terminal de regaseificação, UTE Barra do Rocha I, UTE Bahia II e projeto ARLA-32 na Fafen-Ba.

Químicos/Petroquímicos

O segmento petroquímico baiano tem apresentado desempenho negativo em 2011. A produção apresenta queda de 10,2% nos primeiros dez meses e, no período de doze meses até outubro, contabiliza redução superior a 13%. Parte da explicação para o desempenho negativo vem da interrupção no fornecimento de energia elétrica em fevereiro, que afetou diretamente a produção nas plantas da Braskem e de outras empresas do Polo, que voltaram a operar em plena capacidade apenas em junho. Os recordes de importação de produtos químicos evidenciam que há uma perda de competitividade da indústria química nacional, agravada pelo fato de que as importações ainda estão sendo estimuladas pelos incentivos estaduais e pela apreciação do real frente ao dólar. No dia 24/11/11, a Basf anunciou a construção de uma planta produtora de ácido acrílico, acrilato de butila e polímeros superabsorventes (SAP) em Camaçari. O início das atividades produtivas está previsto para o último trimestre de 2014, gerando 230 empregos diretos e 600 indiretos.



Metalurgia Básica

O segmento metalúrgico baiano segue registrando queda na produção, em relação ao verificado em 2010. No entanto, o aumento do volume de vendas de catodos de cobre refinado, o alto patamar dos preços do cobre no mercado internacional e a mudança no *mix* de produtos vendidos e de mercados têm impulsionado as exportações e o faturamento do *negócio* de cobre baiano. Os preços do cobre e do aço no mercado internacional deverão continuar apresentando alta volatilidade, com tendência de baixa no curto prazo. Apesar do agravamento do cenário externo, a expectativa de longo prazo é que os preços do cobre permaneçam num patamar elevado, em função da escassez do metal no mercado internacional. A Paranapanema (principal empresa do segmento metalúrgico da Bahia) mantém plano de expansão e investimentos para o período 2011-2013, com destaque para o investimento na atualização e expansão da capacidade instalada da fábrica de cobre refinado e a instalação de uma planta de refino de metais preciosos em Dias D'Ávila/BA.

Veículos Automotores

A Ford confirmou a instalação em Camaçari da primeira fábrica de motores automotivos do Nordeste, num investimento de R\$ 400 milhões e capacidade de produção de 210 mil unidades/ano. O mercado interno de veículos sofreu forte desaquecimento nos últimos meses, refletindo as medidas de restrição e encarecimento do crédito, promovidas pelo governo com vistas ao controle inflacionário. Com o objetivo de conter o forte ingresso de insumos e veículos importados, estimulado pelo câmbio valorizado, o Governo Federal anunciou medidas de incremento do IPI para veículos sem conteúdo local mínimo. As vendas de importados dispararam no período de setembro a novembro, antes da entrada em vigor do aumento tributário em 16 de dezembro de 2011. No momento, o Governo Federal acena para uma redução do IPI para os carros nacionais e a flexibilização da



cobrança sobre veículos importados de fabricantes que instalem plantas produtivas no País, a exemplo da JAC Motors na Bahia.

Celulose e Papel

O segmento enfrenta cenário adverso, com preços e demanda internacional em queda, por conta do agravamento da crise internacional. Nesse ambiente, os planos de investimentos estão sendo reavaliados ou colocados em espera, inclusive os previstos para a Bahia. No entanto, do ponto de vista estrutural, a produção de celulose de fibra curta, baseada em florestas de eucalipto, é extremamente competitiva no Brasil e na Bahia, pelas condições favoráveis de solo, clima, precipitação pluvial, radiação etc., além do desenvolvimento tecnológico alcançado na área de silvicultura, que contribuem para o elevado nível de produtividade nacional, em comparação aos produtores tradicionais do hemisfério norte.

Alimentos e Bebidas

A produção industrial do segmento Alimentos e Bebidas segue apresentando resultados positivos, com uma expansão de 4,8% na comparação do acumulado dos primeiros dez meses de 2011 com igual período do ano anterior, influenciado principalmente pela maior produção de café torrado e moído, e bebidas (refrigerantes, cerveja e chope), refletindo a expansão da demanda interna, associada ao aumento do poder de compra da população. O desempenho positivo do agronegócio, principalmente da produção de grãos do oeste da Bahia, também tem contribuído para o resultado positivo do segmento em análise, porém já sofre com as quedas dos preços das principais *commodities*. Tais quedas se devem, principalmente, à redução da demanda internacional, notadamente da Europa. O agravamento da crise internacional deverá desaquecer o mercado interno, afetando a produção local de Alimentos e Bebidas.



ANÁLISE SETORIAL

Refino de Petróleo e Produção de Álcool (25,4% do VTI da Bahia em 2009)

A tabela a seguir mostra a produção de derivados de petróleo da RLAM nos primeiros 10 meses de 2011, em comparação com igual período do ano anterior:

RLAM: Produção de Derivados de Petróleo

	Em barris equivalentes de petróleo (bep)		
	Jan-Out 10	Jan-Out 11	Var. (%)
Óleo Diesel	28.337.842	25.933.568	-8,5
Óleo Combustível	24.565.873	25.248.529	2,8
Gasolina A	11.035.791	11.613.965	5,2
Nafta	7.313.133	6.995.596	-4,3
GLP	4.877.005	4.168.576	-14,5
Querosene de Aviação	1.249.867	968.896	-22,5
Asfalto	655.952	627.489	-4,3
Parafina	454.771	433.761	-4,6
Lubrificantes	333.340	336.011	0,8
Solventes	27.436	23.463	-14,5
Demais	1.543.016	1.761.154	14,1
Total	80.394.026	78.111.008	-2,8

Fonte: Agência Nacional do Petróleo (ANP); elaboração FIEB/SDI

O segmento de refino da Bahia apresentou retração nos primeiros dez meses do ano, com destaque para as quedas na produção de óleo diesel (-8,5%), nafta (-4,3%) e GLP (-14,5%). O desempenho negativo pode ser explicado pela base de comparação elevada de 2010, que apresentou produção recorde para o período de janeiro a outubro, segundo série histórica da ANP iniciada em 2000. Adicionalmente, algumas paradas programadas para manutenção em unidades da RLAM no período de janeiro a abril deste ano contribuíram para a queda da produção. No início de 2011, a Petrobras concluiu a obra de



modernização da refinaria, com a entrada em operação de uma nova unidade de hidrotratamento (HDT) de enxofre na RLAM. A nova unidade não elevará o nível de produção da refinaria, uma vez que seu objetivo principal é a retirada de enxofre dos produtos, atendendo aos acordos internacionais assinados para a diminuição dos impactos ambientais.

No acompanhamento do comércio exterior, vê-se que as exportações baianas de óleo combustível voltaram a crescer, após registrarem queda no início do ano. Nos primeiros dez meses deste ano, as exportações de óleo combustível apresentam alta de 43,7%. O resultado decorreu sobretudo da alta de preços no mercado internacional, que fez com que o óleo combustível fosse vendido com alta de 40,4% sobre o preço-médio de 2010. O *quantum* exportado aumentou apenas 2,3%. No acumulado dos primeiros dez meses de 2011, os embarques do produto foram direcionados para Antilhas Holandesas, Argentina, Cingapura, Holanda, Uruguai e Espanha. Já as importações de nafta petroquímica (principal item da pauta de importações baianas) registraram alta de 22,9% no período analisado, resultado do crescimento expressivo do preço (+39,9%), que compensou a queda nas quantidades importadas (-12,1%). As importações baianas de nafta petroquímica foram provenientes da Argélia, Rússia, Venezuela, Argentina, Arábia, Grécia, México e Nigéria.

No cenário nacional, o desempenho da produção de derivados de petróleo nos primeiros dez meses deste ano situou-se 4% acima do registrado em igual período do ano anterior. Dentre as principais refinarias, as maiores altas foram na REPLAN/SP (+16,9%) e na RECAP/SP (+13,7%). Em sentido contrário, as refinarias de LUBNOR/CE (-15,3%) e RPBC/SP (-13,7%) apresentaram as maiores quedas.

Segundo a ANP, as exportações de derivados de petróleo do Brasil cresceram 37,1% no acumulado do ano até outubro em comparação com igual período do ano anterior. Já o gasto com as importações de derivados apresentou alta de 45,9% no período.



O plano de negócios da Petrobras para o período de 2011-2015 prevê investimentos de US\$ 9,874 bilhões na Bahia, assim distribuídos: (i) US\$ 6,018 bilhões em Exploração e Produção; (ii) US\$ 1,824 bilhão para Refino, Transporte e Comercialização; (iii) US\$ 1,716 bilhão para Gás, Energia e Gás-Química; (iv) US\$ 7 milhões em Biocombustíveis; (v) US\$ 273 milhões para Distribuição e (vi) US\$ 36 milhões para a área Corporativa. Na área de Gás, Energia e Gás-Química, os investimentos serão direcionados para o novo terminal de regaseificação, a UTE Barra do Rocha I e UTE Bahia II (futuros leilões de energia) e projeto ARLA-32 na Fafen-Ba para a produção de aditivo para caminhões a partir da ureia, com capacidade de 23 mil t/ano em 2011 e, com a ampliação prevista, 71 mil t/ano em 2012.

A Petrobras registrou lucro líquido de R\$ 6,3 bilhões no terceiro trimestre de 2011, com queda de 26% em relação ao mesmo período do ano passado. O resultado negativo do trimestre decorreu do efeito cambial sobre a dívida em dólares da empresa. Houve no período depreciação de 19% do real em relação ao dólar, que resultou em uma despesa monetária e cambial de R\$ 6,6 bilhões. No acumulado do ano até setembro, no entanto, o lucro líquido está 15% acima do registrado em igual período do ano anterior, alcançando o montante de R\$ 28,3 bilhões. De acordo com o balanço da empresa, o mercado brasileiro de derivados continua apresentando expansão superior ao crescimento da economia brasileira e ao mercado mundial. Os produtos que mais se destacaram no trimestre foram óleo diesel (+9%) e QAV (+6%). A Petrobras informa que continuará investindo na expansão do parque de refino, fortalecendo o posicionamento da empresa como uma companhia integrada. Os preços de alguns derivados foram reajustados no início de novembro, seguindo os valores praticados no mercado internacional em uma perspectiva de médio e longo prazo.



Produtos Químicos/Petroquímicos (15,3% do VTI da Bahia em 2009)

O segmento petroquímico baiano apresentou desempenho negativo nos primeiros dez meses deste ano. A produção apresentou queda de 10,2% na comparação com igual período do ano anterior e, em 12 meses, contabiliza redução superior a 13%. Parte da explicação para o desempenho negativo vem da interrupção no fornecimento de energia elétrica em fevereiro, que afetou diretamente a produção nas plantas da Braskem e de outras empresas do Polo, que só voltaram a operar em plena capacidade em junho. As perdas estimadas, apenas nas unidades da Braskem, superam o montante de R\$ 230 milhões.

As receitas de exportações da seção Produtos das Indústrias Químicas apresentaram queda de 2,8% nos primeiros dez meses de 2011 (na comparação com registrado em igual período de 2010), alcançando US\$ 1,3 bilhão.

O desempenho negativo das exportações da Química baiana decorreu da queda das vendas externas de Produtos Químicos Orgânicos (capítulo 29), cujas exportações registraram redução de 5% (-US\$ 57,6 milhões). O resultado desse capítulo foi influenciado pela redução das exportações de octanol e seus isômeros (-73,7%), benzeno (-43,1%) e buta-1,3-dieno não saturado (-35,1%), dentre outros, bem como pela ausência de embarques de ácido fosfonometiliminodiacético (PIA). Em sentido contrário foram registrados maiores aumentos nas exportações de ésteres de metila do ácido metacrílico (+67,2%), para-xileno (+26,8%) e propeno (+11,7%).

As exportações de Produtos Químicos Inorgânicos (capítulo 28) registraram alta de 22,3%, na mesma comparação intertemporal. Os maiores aumentos foram contabilizados em exportações praticamente inéditas de negro de carbono e inéditas de sulfato de níquel, além do aumento das exportações de bicarbonato de sódio (+18%) e solda cáustica (+15,6%).



A Braskem registrou prejuízo de R\$ 1,05 bilhão no terceiro trimestre de 2011, devido, principalmente, ao impacto negativo de R\$ 2,1 bilhões do resultado financeiro, afetado pela desvalorização cambial de 19% no período. De acordo com o balanço da empresa, a exposição líquida da Braskem ao dólar impactou negativamente o resultado financeiro em R\$ 1,6 bilhão no terceiro trimestre de 2011. Esse valor representa o efeito contábil da variação cambial, principalmente sobre o endividamento da Companhia, e será desembolsado por ocasião do vencimento da dívida. O prazo médio total da dívida é de 12 anos. O resultado do trimestre levou a um prejuízo acumulado no ano de R\$ 316 milhões.

Segundo a Braskem, os fatos mais importantes para a petroquímica mundial no último trimestre foram a continua volatilidade dos preços das matérias-primas, associada às especulações no mercado de petróleo, e os menores preços de resinas e petroquímicos básicos, influenciados pelo arrefecimento da demanda internacional.

Em relação aos investimentos da Braskem no Brasil, os principais projetos são: (i) PVC em Alagoas, com capacidade de 200 mil t/ano e operação em maio de 2012; (ii) Projeto Butadieno no Rio Grande do Sul, capacidade de 100 mil t/ano e operação em julho de 2012 e (iii) Polipropileno Verde, em local ainda não definido, com capacidade de 30 mil t/ano. Sobre esse último, os estudos de engenharia básica deverão ser concluídos em 2011 e, caso o projeto seja aprovado pelo Conselho de Administração, a planta deverá entrar em operação no segundo semestre de 2013. Quanto aos projetos internacionais, o mais avançado é o Projeto México – Etileno XXI, com investimentos da ordem de US\$ 3 bilhões e conclusão prevista para o primeiro semestre de 2015. A Braskem também anunciou a compra de quatro plantas de polipropileno da Dow Chemical por US\$ 323 milhões, sendo duas plantas localizadas nos Estados Unidos e duas na Europa, com capacidade total de 1 milhão t/ano.

Para a Abiquim, os recordes de importação de produtos químicos evidenciam que há uma perda de competitividade da indústria química nacional, agravada pelo fato das importações serem estimuladas por incentivos tributários concedidos por alguns estados,



a exemplo de Santa Catarina e Espírito Santo, e pela apreciação do real frente ao dólar. A piora do cenário externo e o previsível aumento dos excedentes mundiais de produtos químicos poderá elevar as importações, posto que a indústria química mundial tentará escoar seus estoques para mercados em crescimento, como o brasileiro. Nos últimos 12 meses, findos em outubro de 2011, o déficit de produtos químicos superou US\$ 25 bilhões, maior valor registrado em toda a série histórica. Nesse cenário, a Abiquim alertou para a necessidade de ações urgentes e medidas de longo prazo que possam estimular o preenchimento da atual capacidade ociosa e atrair novos investimentos.

A Unigel inaugurou, em 14/10/11, uma nova fábrica de fertilizantes em Candeias/BA, com investimentos de R\$ 45 milhões e geração de 50 empregos diretos. A nova fábrica irá produzir sulfato de amônio, com capacidade de 100 mil t/ano. O sulfato de amônio é um fertilizante bastante utilizado nas lavouras de milho, café, cana-de-açúcar e algodão. Em agosto, a Unigel anunciou a implantação de um centro de pesquisa na Bahia, com investimentos da ordem de R\$ 40 milhões e contratação de 50 pesquisadores.

No início de dezembro, a Peroxy entrou em operação no Polo de Camaçari após um longo período de inatividade, por conta de uma disputa judicial. A empresa pretende produzir 40 mil t/ano de peróxido de hidrogênio, empregando 60 funcionários.

No dia 24/11/11, a Basf anunciou a construção de um complexo produtivo de escala global para a produção de ácido acrílico, acrilato de butila e polímeros superabsorventes (SAP) em Camaçari. O início das atividades produtivas está previsto para o último trimestre de 2014, gerando 230 empregos diretos e 600 indiretos. Com um investimento superior a € 500 milhões, esse será o maior investimento da Basf na América do Sul. O novo complexo de ácido acrílico assegurará o fornecimento de matéria-prima para produtos de terceira geração, como fraldas, químicos para construção, resinas acrílicas para tintas, tecidos e adesivos. O Polo de Camaçari foi escolhido em função da disponibilidade de matéria-prima (propeno) e utilidades, fornecidas pela Braskem. Parte da produção de ácido acrílico em Camaçari será destinada para a produção de acrilato de 2-etil-hexila de uma planta que será instalada em Guaratinguetá até 2015. O ácido acrílico



é um importante produto na cadeia de valor dos superabsorventes, componentes ativos de fraldas de bebês e outros produtos de higiene. Éster acrílico, o mais importante derivado do ácido acrílico, é utilizado para produzir matérias-primas para adesivos, químicos para construção e tintas decorativas. Por conta da instalação da Basf, a Kimberly-Clark confirmou a instalação de uma unidade para fabricar fraldas, absorventes e papel higiênico em Camaçari. Os investimentos previstos são de cerca de R\$ 100 milhões, com a criação de 430 postos de trabalho diretos.

Metalurgia Básica (11,5% do VTI da Bahia em 2009)

Em 2011, a produção do segmento da metalurgia baiana registra desempenho abaixo do verificado no ano anterior. Segundo a Pesquisa Industrial Mensal (PIMPF-R) do IBGE, na comparação entre o acumulado dos primeiros dez meses de 2011 com igual período do ano anterior, a produção física da metalurgia baiana caiu 11,6%, em virtude sobretudo do fechamento da planta de alumínio da Novelis no final de 2010, da parada não programada para manutenção da unidade de fundição da Paranapanema, realizada entre 14 e 17 de julho deste ano, e da menor produção de ouro em barras. A taxa anualizada registrou queda de 10,4% em outubro.

Quanto às exportações, a seção Metais Comuns e suas Obras registrou vendas de US\$ 781.125.756 no acumulado dos primeiros dez meses deste ano, valor 50,3% superior ao registrado em igual período do ano anterior. Esse resultado foi determinado pela expansão das exportações de catodos de cobre refinado, fios de cobre refinado, ferro silício, outras ligas de ferro cromo, ferro manganês, dentre outros, parcialmente compensada pela queda dos embarques de resíduos de cobre.

O preço do cobre no mercado internacional tem registrado forte volatilidade: após ter oscilado entre US\$ 8.536/t e US\$ 10.147,50/t nos primeiros oito meses de 2011, a cotação do cobre despencou em setembro, em função das maiores turbulências no mercado internacional, alcançando US\$ 7.611 em meados de dezembro. A tendência é



que os preços de cobre mantenham forte volatilidade, com movimento de baixa no curto prazo, situando-se num patamar inferior ao verificado no primeiro semestre deste ano. No entanto, a tendência de longo prazo é que, mesmo com o agravamento da crise das economias avançadas, os preços da tonelada do cobre fiquem num patamar entre US\$ 8 mil e US\$ 10 mil em função da escassez do metal no mercado internacional. O aperto na oferta de cobre está relacionado à queda do teor do metal (grau de pureza) diante da maturidade das minas existentes e às dificuldades de se explorar novas reservas com custos competitivos. Por outro lado, a demanda de longo prazo deverá permanecer aquecida, influenciada pelo processo de urbanização e industrialização de China e Índia.

A Bahia detém praticamente a totalidade da produção brasileira de cobre refinado. A maior parte do concentrado de cobre é importada do Chile. Segundo o balanço da Paranapanema, o volume de vendas de cobre refinado (catodos + vergalhões + fios trefilados) alcançou 140 mil toneladas no acumulado dos primeiros nove meses de 2011, contra 128,8 mil toneladas em igual período do ano anterior. O aumento do volume de vendas de catodos de cobre refinado, o alto patamar dos preços do cobre no mercado internacional, apesar da queda verificada nos últimos dois trimestres, e a mudança no mix de produtos e mercados (ampliação das exportações) contribuíram para que a receita líquida da Paranapanema alcançasse R\$ 3,1 bilhões no período de janeiro a setembro de 2011, registrando alta de 40,3% em relação ao mesmo período do ano anterior. Por outro lado, o aumento dos custos, em função da alta dos preços do minério de cobre e redução das margens, e as maiores despesas financeiras reduziram o lucro líquido da empresa para R\$ 13,5 milhões, queda de 66,4% em relação ao registrado no acumulado dos primeiros nove meses de 2010.

A empresa mantém o plano de expansão e investimentos para o período 2011- 2013 na Bahia: (i) investimento de R\$ 290 milhões na atualização e expansão da capacidade instalada da fábrica de cobre refinado de 230 mil toneladas/ano para 280 mil toneladas/ano em 2013; e (ii) investimento de R\$ 28 milhões na instalação, até dezembro



de 2012, de uma planta de refino de metais preciosos com capacidade instalada de 2.400 Kg/ano de lingotes de ouro e 33.500 Kg/ano de lingotes de prata.

As exportações de produtos de cobre cresceram 51,9% no acumulado dos primeiros dez meses deste ano, impulsionadas pelas maiores vendas de catodos de cobre (76,1%) e de fios de cobre refinado (41,1%). A expansão das exportações de catodos de cobre está relacionada ao aumento dos preços e do quantum exportado, enquanto a alta de preços foi o principal fator impulsionador das vendas externas de fios de cobre no período analisado. A quantidade exportada de catodos de cobre alcançou 48,8 mil toneladas, contra 36,3 mil toneladas no acumulado dos primeiros dez meses de 2010, tendo como países de destino: China, Itália, Holanda, Colômbia, Paraguai e Suíça. O quantum exportado de fios de cobre cresceu 9,4% em relação ao verificado em igual período do ano anterior, direcionados para Argentina, Costa Rica, Colômbia, Bolívia, Nigéria, dentre outros. As vendas externas baianas de cobre representaram nos primeiros dez meses deste ano 81,3% do total exportado pelo País, contra uma participação relativa de 82,3% no mesmo período do ano anterior.

As perspectivas para o negócio de cobre no Brasil são positivas no curto e médio prazos, por conta do PAC, da exploração do pré-sal e dos eventos esportivos programados para 2014 (Copa do Mundo) e 2016 (Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro). Além do crescimento orgânico em decorrência dos investimentos supracitados, há perspectiva de maior integração na cadeia do cobre por meio de parcerias estratégicas com mineradoras de pequeno e médio porte.

Os preços de produtos siderúrgicos também apresentam volatilidade no mercado internacional, a exemplo do preço da tonelada de *billet*, que, no mercado à vista (cash buyer), alcançou US\$ 553 na 2ª semana de dezembro, contra US\$ 535 no início do ano. Ademais, as condições mais apertadas de crédito na China reduziram o financiamento para algumas siderúrgicas locais, levando-as a reduzir a sua produção e a comprar menos matérias-primas, o que tem provocado queda nos preços do minério de ferro no mercado internacional. A expectativa é que os preços dos siderúrgicos mantenham a alta



volatilidade do mercado internacional, com tendência de baixa, em função da deterioração do cenário externo, sobretudo das economias europeias.

De acordo com o balanço da Ferbasa, no acumulado dos primeiros nove meses deste ano, o quantum de vendas de ferro-ligas alcançou 175,7 mil toneladas, aumento de 0,9% em relação ao mesmo período de 2010, com destaque para as vendas internas e externas de ferro silício 75% e as exportações de ferro cromo baixo carbono. A redução da produção de aços especiais no mercado interno e na Europa no terceiro trimestre e as metas de redução de estoques de matérias-primas nas aciarias e fundições reduziram o volume de vendas de ferro cromo alto carbono e ferro cromo baixo carbono no mercado interno. Com a expansão de 0,9% da receita líquida e crescimento de 9,6% do custo dos produtos vendidos (principalmente dos itens: energia elétrica, carvão de terceiros e mão de obra), o lucro líquido da Ferbasa caiu de R\$ 104,1 milhões no acumulado dos primeiros nove meses de 2010 para R\$ 72,6 milhões em igual período deste ano.

As exportações baianas de aço (capítulos 72 e 73 da NCM) cresceram 44,8%, na comparação do acumulado nos primeiros dez meses deste ano com igual período de 2010. Os principais produtos exportados foram: ferro silício (Japão, Holanda, Itália, Bélgica, Espanha, dentre outros), outras ligas de ferro cromo (Índia, Holanda, Estados Unidos, Turquia, Espanha, dentre outros), ferro cromo (Holanda, Argentina, China, Bélgica, Suécia, Reino Unido, dentre outros), e ferro manganês (Argentina, Chile, Espanha, Estados Unidos e Colômbia). As exportações da siderurgia baiana foram responsáveis por 1% das vendas externas da siderurgia brasileira nos primeiros dez meses de 2011, mesma participação relativa verificada em igual período do ano anterior.

Segundo o Instituto Aço Brasil (IABr), a produção nacional de aço bruto alcançou 29,7 milhões de toneladas no acumulado dos primeiros dez meses de 2011, volume 6,7% superior ao de igual período do ano anterior, enquanto a produção de laminados atingiu 21,4 milhões de toneladas, queda de 1,5% em relação ao verificado no período de janeiro a outubro de 2010. As vendas internas alcançaram 17,7 milhões de toneladas, praticamente o mesmo patamar registrado no mesmo período do ano anterior. Já as



vendas externas faturadas alcançaram 8,3 milhões de toneladas, expansão de 29,6% no período analisado, refletindo a maior quantidade exportada de semi-acabados (43%) e de laminados (9,2%). O arrefecimento da demanda doméstica provocou o redirecionamento de parte das vendas de siderúrgicos para o mercado externo.

No cenário externo, o levantamento do World Steel Association (WSA) do acumulado dos primeiros dez meses de 2011 indica que a produção mundial de aço bruto alcançou 1,3 bilhão de toneladas, alta de 8,1%, na comparação com o mesmo período do ano anterior, influenciada sobretudo pela expansão da produção na China (+11,1%, respondendo por 46,2% da produção mundial de aço), Coreia do Sul (+18,5%), Estados Unidos (+6,8%), Índia (+5,2%) e Rússia (+3,7%). O Brasil ocupa a 8ª posição no ranking mundial. A WSA projeta uma desaceleração da demanda mundial de aço em 2012: o consumo aparente deverá crescer 5,4% em 2012, abaixo dos 6,5% previstos para 2011 e bastante inferior à recuperação de 15% registrada em 2010, após a crise de 2008/2009. As economias emergentes continuarão sustentando o consumo mundial de aço, com destaque para a demanda dos BRICS, que deverá crescer 7,2% em 2011 e 6,4% em 2012.

Veículos Automotores (10,3% do VTI da Bahia em 2009)

A Ford Nordeste promoveu férias coletivas entre 12 de setembro e 7 de outubro de 2011, na tentativa de ajustar sua produção e estoques à redução da demanda verificada no mercado automotivo nacional. Desse modo, no acumulado de janeiro a outubro de 2011, a empresa registrou decréscimo na produção de 2,4%, na comparação com igual período do ano anterior. Em 2010, a Ford Nordeste anunciou investimentos no Brasil da ordem de R\$ 4,5 bilhões até 2015. A maior parte dos investimentos será destinada ao complexo da Ford Nordeste, que conta com um dos cinco Centros Globais de Desenvolvimento de Produtos da Ford no mundo. Com os investimentos previstos, a capacidade produtiva do complexo saltará de 250 mil para 300 mil unidades/ano. Parte relevante dos investimentos foi anunciada em dezembro: trata-se da instalação de uma fábrica de motores no Complexo Ford, num investimento de R\$ 400 milhões e capacidade para



produzir 210 mil unidades, por ano. No momento, a empresa prepara uma nova grade de produtos que deverão ser lançados, dentro de uma filosofia de veículos/plataformas globais.

Dados do Complexo Industrial Ford Nordeste

Anos	Produção	Exportação	Exp/Prod
	<i>veículos</i>		<i>(%)</i>
2005	246.934	108.400	43,9
2006	242.905	101.550	41,8
2007	231.033	80.272	34,7
2008	207.037	62.202	30,0
2009	207.180	38.268	18,5
2010	212.083	46.312	21,8
2011*	172.757	33.536	19,4

Fonte: Ford Nordeste; elaboração FIEB/SDI

*acumulado até outubro

Outro destaque do setor automotivo baiano foi o anúncio da instalação de fábrica de automóveis da JAC Motors (montadora de origem chinesa) em Camaçari, num investimento de R\$ 900 milhões, sendo 80% de capital nacional e os 20% restantes da estatal chinesa. As obras serão iniciadas em 2012 e deverão ser concluídas em 2014. A planta terá capacidade de produzir 100 mil veículos/ano e deverá gerar 3.500 novos empregos diretos e 10 mil postos indiretos, segundo o presidente da marca no Brasil, Sérgio Habib. O projeto da fábrica inclui: centro de desenvolvimento de novas tecnologias; centro de estilo e design; laboratórios de acústica e controle de emissão de poluentes; pista de testes; e centro de capacitação profissional.

A ampliação da Ford Nordeste e a instalação da JAC pode configurar um cenário bastante promissor para o setor automotivo na Bahia. Ao criar maior escala produtiva, abre-se a possibilidade de formação ou atração de um parque fornecedor mais robusto, agregando valor à cadeia e gerando mais empregos e renda localmente.



Relatório de análise setorial da indústria baiana

No acumulado dos primeiros dez meses de 2011, a Bahia registrou crescimento de 1,5% das exportações da seção Material de Transporte, na comparação com igual período de 2010, alcançando de US\$ 401,7 milhões. No entanto, a participação das exportações baianas de veículos no total das vendas encolheu ao longo do tempo, tendo passado de mais de 40% em 2006 para menos de 20% atualmente. O principal mercado para a exportação dos veículos baianos é a Argentina. O México perdeu bastante importância nos últimos anos, mas ainda é o 2º maior mercado importador da produção local.

No panorama nacional, segundo dados da Anfavea, de janeiro a novembro de 2011 foram produzidos 3,14 milhões de autoveículos, o que representou alta de 0,9%, em relação ao mesmo período do ano anterior. Do total produzido, foram exportadas 493,2 mil unidades (crescimento de 4,7%, na comparação com o igual período do ano anterior), no valor de US\$ 11,26 bilhões – fob. No acumulado dos primeiros dez meses de 2011, verificou-se um incremento de 4,8% nos licenciamentos de autoveículos novos (nacionais + importados), na comparação com igual período de 2010.

Verifica-se nos dados apresentados que tanto a produção quanto a venda de autoveículos ainda apresentam expansão, porém num ritmo bem menor do que o verificado em 2010 (que registrava taxa de crescimento em 2 dígitos). Em resposta à crescente participação dos importados nas vendas de automóveis no Brasil e da baixa competitividade das exportações do segmento, o Governo Federal anunciou a elevação do IPI para veículos importados ou que não atendam a alguns requisitos de conteúdo nacional. A alíquota do tributo aumentará trinta pontos percentuais para carros que tenham menos de 65% de componentes fabricados no País. Serão afetados automóveis, caminhões, caminhonetes e veículos comerciais leves. A medida prevê que além do percentual de componentes nacionais, as montadoras precisarão investir e realizar localmente pelo menos seis das onze etapas de produção definidas pelo governo, dentre elas, fabricação de motores e montagem de chassis. Como o Brasil tem acordo automotivo com a Argentina e o México, componentes desses países não serão considerados como importados. Acredita-se que as medidas afetarão especialmente os veículos importados da China, Coréia do Sul e os fabricantes de carros de luxo (Mercedes, BMW, Audi, etc.) que não possuem fabricação



nacional. Como a medida só entrará em vigor em 16/12, as vendas e a participação de veículos importados registraram forte incremento de setembro a novembro de 2011.

Participação dos Importados no Licenciamento Total de Autoveículos (%)

	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Ano
2009	19,6	15,4	13,0	13,3	13,5	13,4	15,2	14,5	14,9	17,0	18,1	19,4	15,6
2010	20,1	18,3	16,4	17,9	17,9	17,6	18,0	18,3	18,7	19,5	20,2	21,7	18,8
2011	23,5	22,6	20,4	22,2	23,5	22,8	22,0	22,5	25,4	25,3	25,7		22,7

Fonte: Renavam/Denatran, apud Anfavea.

Alimentos e Bebidas (8,7% do VTI da Bahia em 2009)

A produção industrial do segmento Alimentos e Bebidas apresentou expansão de 4,8% na comparação do acumulado dos primeiros dez meses de 2011 com igual período do ano anterior, influenciado pela maior produção de café torrado e moído, refrigerantes, cerveja e chope, refletindo a expansão da demanda interna, associada ao aumento do poder de compra da população. O desempenho positivo do agronegócio, principalmente da produção de grãos do oeste da Bahia, também tem contribuído para o resultado positivo do segmento em análise.

As exportações baianas do *agregado* Produtos Alimentares, Bebidas e Fumo alcançaram US\$ 529.523.643 no período de janeiro a outubro de 2011, valor 4,8% superior ao registrado em igual período do ano anterior. A participação relativa do *agregado* no valor total das exportações baianas caiu de 6,8% para 5,8% no período de análise.

As exportações de bagaços da extração do óleo de soja (farelo) cresceram 8,7% em valor, ganhando participação relativa de 47,6% para 49,4% no agregado da seção. Os principais destinos das exportações baianas de farelo de soja foram Alemanha, Romênia e França.



A cotação da soja na Bolsa de Chicago registrou queda de 20,4% no ano e de 13,5% no acumulado do período de 12 meses encerrado em 09/12/2011. O mercado internacional de *commodities* dos principais grãos (milho, trigo e soja) vive a expectativa de queda da demanda mundial por alimentos, sobretudo das principais economias europeias.

De acordo com o 1º Levantamento de Safra 2011/2012 da Associação de Agricultores e Irrigantes da Bahia – AIBA, considerando as duas safras anuais (verão e inverno), a produção das principais culturas da Região Oeste do Estado (soja, algodão, milho e café) deverá crescer de 6 milhões de toneladas na safra 2010/2011 para 6,6 milhões de toneladas na safra 2011/2012. Já a produção de soja deverá cair para 3,7 milhões de toneladas em 2011/2012, variação praticamente nula em relação à safra anterior, ocupando cerca de 1.150 mil hectares de plantação, contra 1.100 mil hectares na safra 2010/2011.

Segundo o Levantamento Sistemático da Produção Agrícola do IBGE de novembro, a safra nacional de soja do ciclo 2011 deverá ocupar uma área 3,3% maior que na safra anterior, o que equivale a cerca de 24.051 mil hectares. A produção de soja deste ano deverá chegar a 74.838 mil toneladas, aumento de 9,2% em relação a 2010.

O USDA (Departamento de Agricultura dos Estados Unidos na sigla em inglês) projeta que os estoques finais mundiais de soja alcancem 64,5 milhões de toneladas em 2011/12, volume 5,7% inferior verificado no período 2010/11. O USDA previu ainda que o Brasil assumirá a liderança global no *ranking* de exportações de soja em grão, com um volume de exportações de 38,5 milhões de toneladas no período em análise, superando os Estados Unidos (35,4 milhões de toneladas).



Na comparação do acumulado nos primeiros dez meses de 2011 com igual período do ano anterior, as exportações baianas de cacau e derivados caíram em termos absolutos (1,2%), diminuindo a sua participação relativa na seção de 63,1% para 53,7%. Houve queda de 6% nas exportações de pasta de cacau não desengordurada, tendo como principais destinos Argentina, Chile, Japão, Estados Unidos, México e Canadá. As exportações de manteiga, gordura e óleo de cacau encolheram 32,5%, sendo embarcadas para Estados Unidos, Argentina, Canadá, Chile, Holanda, dentre outros. Por outro lado, as vendas específicas de cacau em pó cresceram 48,1%. Os principais destinos foram: Argentina, Estados Unidos, Holanda, México e Chile.

A cotação do cacau na Bolsa de Nova York caiu 32,3% no ano e 31,3% no período de 12 meses encerrado em 09/12/2011. O contexto geral de queda dos preços internacionais da amêndoa de cacau está relacionado às projeções de redução da demanda nas economias avançadas. No final de novembro, a ICCO (Organização Internacional do Cacau, na sigla em inglês) aumentou a sua estimativa de produção mundial da safra para 4,25 milhões de toneladas, uma elevação de 17% sobre a temporada anterior. O período registrou um excedente de 341 mil toneladas de cacau, fato que esteve por trás da forte queda dos preços da amêndoa neste ano. A expectativa do mercado é de que a desvalorização acumulada em 2011 seja de cerca de 30%.

No Brasil, segundo o Levantamento Sistemático da Produção Agrícola do IBGE de novembro, a safra de cacau alcançará 247.758 toneladas em 2011, alta de 6,2% em relação à safra anterior, ocupando uma área de 669.861 hectares, o que significa uma expansão de 2,4% em relação à área plantada em 2010.



Celulose e Papel (6,7% do VTI da Bahia em 2009)

Na comparação dos primeiros dez meses de 2011 com igual período do ano anterior, a produção física de Celulose e Papel da Bahia registrou quadro de estabilidade (-0,5%). O resultado decorre da falta de investimentos no aumento da capacidade produtiva local, apesar do excelente potencial de desenvolvimento do segmento no Estado da Bahia, decorrente de suas condições edafoclimáticas favoráveis à cultura do eucalipto, especialmente no sul do Estado. Segundo informações da Associação de Produtores de Floresta Plantada do Estado da Bahia (ABAF), por exemplo, possuímos o menor ciclo de corte e a maior densidade no plantio de árvores por hectare do País. A Bahia responde por cerca de 18% da produção nacional de celulose. No entanto, os projetos de ampliação da produção local têm sofrido revezes. A Fibria declarou que a expansão da Veracel, investimento de cerca de US\$ 3,5 bilhões em joint-venture com a Stora-Enso, possui um terço das florestas necessárias, mas a ampliação prevista deverá ser concluída apenas entre 2015 e 2016. A ampliação da fábrica de Mucuri da Suzano, com incremento de 400 mil toneladas e investimento de US\$ 500 milhões, também foi adiada para 2014. Como nota negativa para o desenvolvimento do segmento no Estado da Bahia, os projetos de investimento das empresas locais têm enfrentado contratempos com questões ambientais, além de problemas frequentes de invasões de propriedades, destruição de plantações, dentre outros.

No acumulado dos primeiros dez meses de 2011, a seção Celulose e Papel e suas Obras ocupou a 2ª posição na pauta de exportações do Estado da Bahia, com participação relativa de 16,8%, abaixo apenas da seção de Produtos Minerais (petróleo e derivados). As vendas externas alcançaram US\$ 1,5 bilhão, com crescimento de 8,9% em relação ao verificado em igual período de 2010. Por seu perfil francamente exportador, o segmento é um dos grandes responsáveis pelo saldo comercial positivo baiano e brasileiro.



Relatório de análise setorial da indústria baiana

Na terceira semana de dezembro de 2011, segundo a consultoria independente finlandesa Foex, os preços da celulose de fibra curta alcançaram US\$ 650/t no mercado europeu, contra US\$ 849/t no início do ano, e US\$ 562/t no mercado asiático, contra US\$ 743/t no início do ano.

No quadro nacional, segundo dados da Associação Brasileira de Celulose e Papel (Bracelpa), a produção brasileira de celulose ficou estagnada no acumulado de janeiro a outubro de 2011, em comparação a igual período do ano anterior (-0,1%). Em referência à produção de papel, a variação verificada no mesmo período de análise foi ligeiramente positiva (0,3%). Os investimentos previstos pelas grandes empresas do segmento que estavam sendo retomados, após a crise internacional de 2008, voltam a entrar em compasso de espera. O segmento de Celulose e Papel enfrenta hoje um período de queda de preços e esfriamento das expectativas, resultado do cenário internacional adverso.



3. Anexos

Compõem o presente Anexo os seguintes tabelas e gráficos:

- (i) Tabelas e Gráficos da Pesquisa Industrial Mensal Produção Física - Regional (PIMPF-R) (págs. 27-29);
- (ii) Tabelas da Pesquisa Industrial Mensal de Emprego e Salário (PIMES) (págs. 30-31);
- (iii) Exportações da Bahia por Seção NCM (pág. 32); e
- (iv) Capítulos NCM (págs. 33-35).



Relatório de análise setorial da indústria baiana

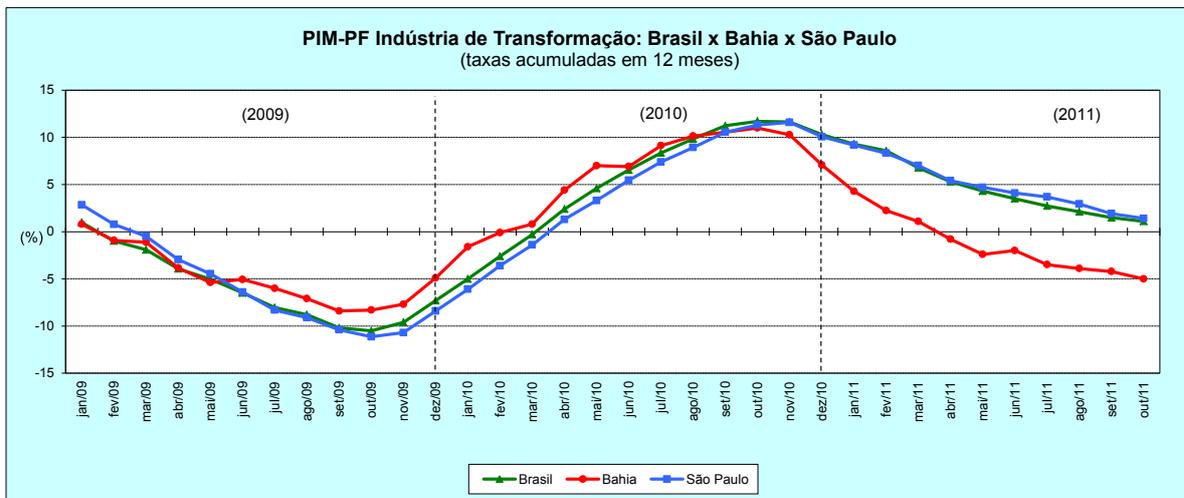
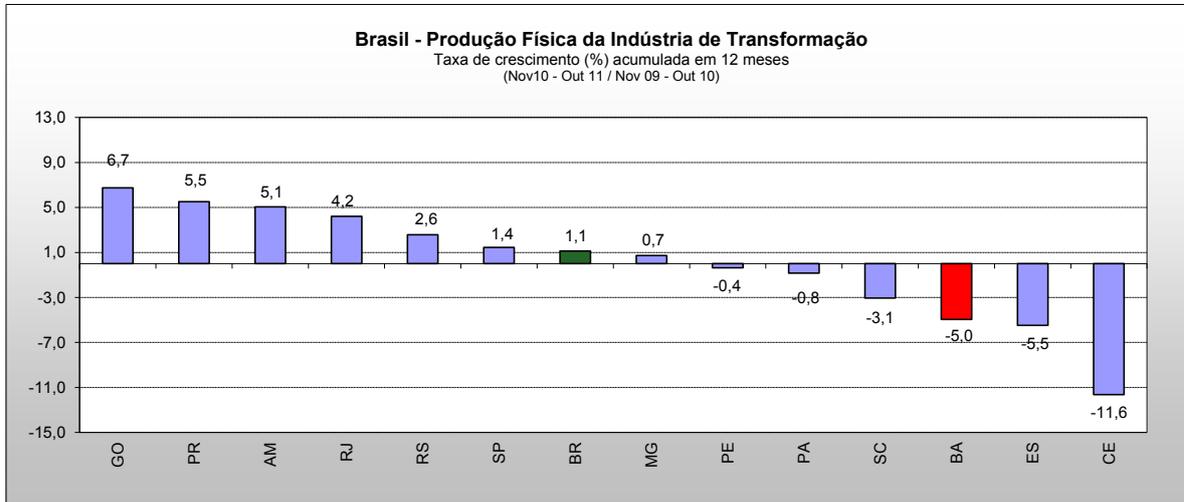
Produção Física por Estados: Indústria de Transformação

Estados	Variação Percentual		
	Out11/Out10	Jan- Out11/ Jan- Out10	Nov10-Out11/ Nov09-Out10
São Paulo	-4,6	1,1	1,4
Minas Gerais	-4,6	0,1	0,7
Rio de Janeiro	-1,3	3,5	4,2
Paraná	13,4	5,2	5,5
Rio Grande do Sul	6,9	2,4	2,6
Bahia	-3,6	-4,4	-5,0
Santa Catarina	-8,5	-4,4	-3,1
Amazonas	16,0	4,5	5,1
Espírito Santo	-9,6	-5,1	-5,5
Pará	2,2	-1,5	-0,8
Goiás	2,9	5,8	6,7
Pernambuco	4,1	-0,7	-0,4
Ceará	-6,4	-12,6	-11,6
Brasil	-2,4	0,7	1,1

Fonte: IBGE; elaboração FIEB/SDI



Relatório de análise setorial da indústria baiana

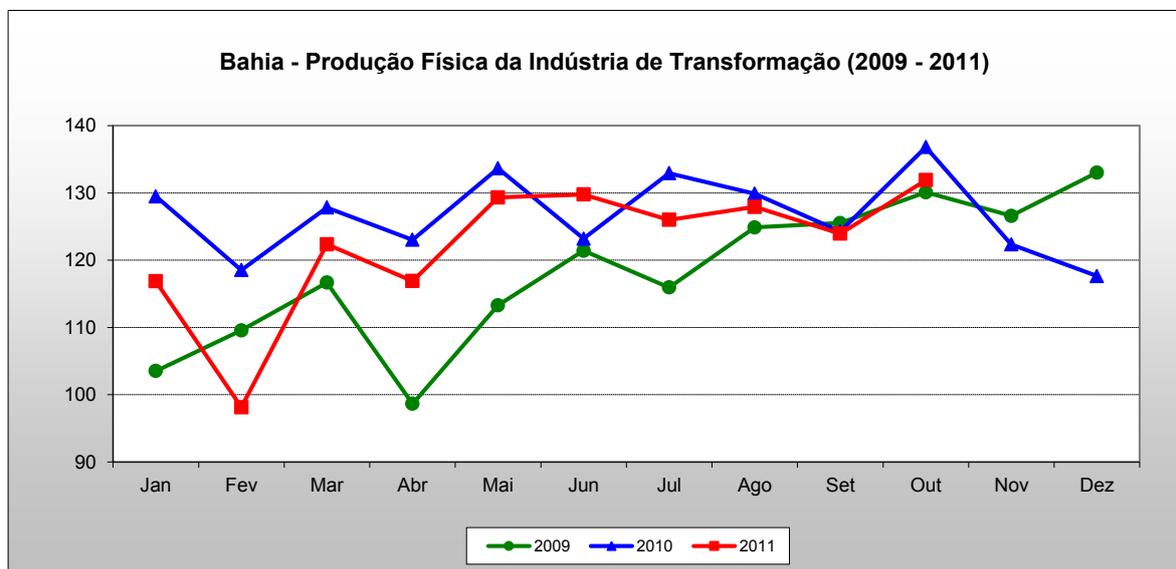




Bahia: PIMPF-R de outubro 2011

	Variação Percentual		
	Out11/Out10	Jan- Out11/ Jan- Out10	Nov10-Out11/ Nov09-Out10
Indústria de Transformação	-3,6	-4,4	-5,0
Refino de Petróleo e Prod. Álcool	1,8	-5,7	-4,7
Produtos Químicos/Petroquímicos	-9,5	-10,2	-13,4
Veículos Automotores	-43,1	-2,6	-3,0
Alimentos e Bebidas	0,9	7,5	7,5
Celulose e Papel	7,1	-0,5	0,9
Metalurgia Básica	-10,3	-11,6	-10,4
Borracha e Plástico	-0,3	4,3	4,4
Minerais não-metálicos	-0,9	7,0	7,1
Extrativa Mineral	-10,3	-0,9	0,5

Fonte: IBGE; elaboração FIEB/SDI



Nota: Exclusive a indústria extrativa mineral (CNAE 10, 11, 13 e 14); base = 100 (média 2002)



Relatório de análise setorial da indústria baiana

Brasil – POA na Indústria de Transformação

Estados	Variação Percentual		
	Out11/Out10	Jan- Out11/ Jan- Out10	Nov10-Out11/ Nov09-Out10
São Paulo	-3,5	-0,8	-0,3
Minas Gerais	1,3	3,0	3,1
Rio de Janeiro	0,0	1,0	1,8
Paraná	6,2	5,6	5,1
Rio Grande do Sul	2,3	2,5	2,6
Bahia	0,0	2,0	2,8
Santa Catarina	-0,7	0,7	1,2
Espírito Santo	-2,1	-1,1	-0,2
Pernambuco	4,3	4,8	4,8
Ceará	-2,9	-1,7	-1,0
Brasil	-0,4	1,2	1,6

Fonte: IBGE; elaboração FIEB/SDI



Bahia – POA na Indústria de Transformação

Segmentos (CNAE)	Variação Percentual		
	Out11/Out10	Jan- Out11/ Jan- Out10	Nov10-Out11/ Nov09-Out10
Indústria de Transformação (agregado)	0,0	2,0	2,8
Coque, Refino de Petróleo e Produção de Álcool (23)	4,4	-4,1	-1,1
Química/Petroquímica (24)	8,8	-0,7	-1,2
Alimentos e Bebidas (15)	6,6	7,0	6,6
Fabricação de Meios de Transporte (34 e 35)	0,8	-0,4	-1,5
Papel e Gráfica (21 e 22)	-0,9	4,6	5,1
Metalurgia Básica (27)	4,8	4,5	5,1
Máquinas e Equipamentos (29 e 30)	13,6	15,7	16,4
Borracha e Plásticos (25)	10,3	11,4	11,6
Couros e Calçados (19)	-6,7	-1,0	0,7
Máquinas e Aparelhos Elétricos e Eletrônicos (31, 32 e 33)	8,8	8,4	7,4
Produtos de Metal (28)	-1,5	-5,3	-2,6
Minerais não-metálicos (26)	2,1	1,2	1,3
Têxtil (17)	-7,1	2,3	2,9
Vestuário (18)	-4,6	0,8	1,9
Fumo (16)	-10,4	-28,7	-29,9
Madeira (20)	-0,6	-1,5	-3,9
Fabricação de "Outros Produtos" (36 e 37)	-26,6	-12,6	-6,9

Fonte: IBGE; elaboração FIEB/SDI

Exportações da Bahia por Seção NCM

NCM	Seções	Jan-Out 2010 (a)		Jan-Out 2011 (b)		Var. (%)
		US\$ fob	(%)	US\$ fob	(%)	(b/a)
V	Produtos Minerais	1.156.328.338	15,6	1.638.944.208	18,1	41,7
X	Celulose e Papel e suas Obras	1.397.815.251	18,9	1.522.319.816	16,8	8,9
VI	Produtos das Indústrias Químicas ou das Indústrias Conexas	1.304.595.485	17,6	1.267.794.428	14,0	-2,8
II	Produtos do Reino Vegetal	828.431.573	11,2	1.144.748.978	12,6	38,2
XV	Metais Comuns e suas Obras	519.711.102	7,0	781.125.756	8,6	50,3
XI	Matérias Têxteis e suas Obras	318.607.204	4,3	560.746.069	6,2	76,0
IV	Produtos das Indústrias Alimentares, Bebidas e Fumo	505.437.510	6,8	529.523.643	5,8	4,8
VII	Plástico e suas Obras; Borracha e suas Obras	364.201.609	4,9	459.432.049	5,1	26,1
XVII	Material de Transporte	395.734.754	5,3	401.734.689	4,4	1,5
XIV	Pérolas, Pedras Preciosas e Metais Preciosos e suas Obras	228.079.779	3,1	356.413.290	3,9	56,3
VIII	Peles, Couros e Peleteria	88.450.768	1,2	109.261.006	1,2	23,5
XII	Calçados, Chapéus e Artefatos de uso Semelhante	81.686.915	1,1	67.678.356	0,7	-17,1
XVI	Máquinas e Aparelhos	63.403.333	0,9	65.171.721	0,7	2,8
III	Gorduras, Óleos e Ceras Animais e Vegetais	16.332.549	0,2	33.545.883	0,4	105,4
XX	Mercadorias e Produtos Diversos	12.168.278	0,2	13.671.498	0,2	12,4
I	Animais Vivos e Produtos do Reino Animal	16.423.245	0,2	9.125.969	0,1	-44,4
XIII	Obras de Pedra, Gesso, Cimento, Amianto, Mica e Produtos Cerâmicos	4.642.815	0,1	4.337.662	0,0	-6,6
IX	Madeira e suas Obras	1.892.317	0,0	2.196.936	0,0	16,1
XVIII	Instrumentos e Aparelhos de Óptica, Fotografia, Instrumentos Musicais, suas Partes e Acessórios	1.129.478	0,0	1.279.324	0,0	13,3
XXI	Objetos de Arte, de Coleção e Antiguidades	13.497	0,0	976.085	0,0	(*)
	Outros	93.224.958	1,3	106.691.364	1,2	14,4
	Total	7.398.310.758	100,0	9.076.718.730	100,0	22,7

Fonte: SECEX; elaboração FIEB/SDI

(*) Praticamente Não Aplicável

Capítulos NCM

Seção I **Animais e Produtos do Reino Animal**

Capítulos:

1. Animais vivos
2. Carnes e miudezas comestíveis
3. Peixes e crustáceos, moluscos e os outros invertebrados aquáticos
4. Leite e laticínios; ovos de aves; mel natural; produtos comestíveis de origem animal, não especificados nem compreendidos em outros Capítulos
5. Outros produtos de origem animal, não especificados nem compreendidos em outros Capítulos

Seção II **Produtos do Reino Vegetal**

Capítulos:

6. Plantas vivas e produtos de floricultura
7. Produtos hortícolas, plantas, raízes e tubérculos comestíveis
8. Frutas; cascas de cítricos e de melões
9. Café, chá, mate e especiarias
10. Cereais
11. Produtos da indústria de moagem; malte; amidos féculas; inulina; glúten de trigo
12. Sementes e frutos oleaginosos; grãos, sementes e frutos diversos; plantas industriais ou medicinais; palha e forragens
13. Gomas, resinas e outros sucos e extratos vegetais
14. Matéria para entrançar e outros produtos de origem vegetal, não especificados nem compreendidos em outros Capítulos

Seção III **Gorduras e óleos animais ou vegetais; produtos da sua dissociação; gorduras alimentares elaboradas; ceras Animais e Vegetais**

Capítulo:

15. Gorduras e óleos animais ou vegetais; produtos da sua dissociação; gorduras alimentares elaboradas; ceras Animais e Vegetais

Seção IV **Produtos das Indústrias Alimentares; Bebidas, líquidos alcoólicos e vinagres; Fumo (tabaco) e seus sucedâneos manufaturados**

Capítulos:

16. Preparações de carne, de peixes ou de crustáceos, de moluscos ou de outros invertebrados aquáticos
17. Açúcares e produtos de confeitaria
18. Cacau e suas preparações

19. Preparações à base de cereais, farinhas, amidos, féculas ou de leite; produtos de pasteleria
20. Preparações de produtos hortícolas, de frutas ou de outras partes de plantas
21. Preparações alimentícias diversas
22. Bebidas, líquidos alcoólicos e vinagres
23. Resíduos e desperdícios das indústrias alimentares; alimentos preparados para animais
24. Fumo (tabaco) e seus sucedâneos, manufaturados

Seção V **Produtos Minerais**

Capítulos:

25. Sal; enxofre; terras e pedras; gesso, cal e cimento
26. Minérios, escórias e cinzas
27. Combustíveis minerais, óleos minerais e produtos da sua destilação; matérias betuminosas; ceras minerais

Seção VI **Produtos das Indústrias Químicas ou das Indústrias Conexas**

Capítulos:

28. Produtos químicos inorgânicos; compostos inorgânicos ou orgânicos de metais preciosos, de elementos radioativos, de metais das terras raras ou de isótopos
29. Produtos químicos orgânicos
30. Produtos farmacêuticos
31. Adubos ou fertilizantes
32. Extratos tanantes e tintoriais; taninos e seus derivados; pigmentos e outras matérias corantes; tintas e vernizes; mástiques; tintas de escrever
33. Óleos essenciais e resinoídeos; produtos de perfumaria ou de toucador preparados e preparações cosméticas
34. Sabões, agentes orgânicos de superfície, preparações para lavagem, preparações lubrificantes, ceras artificiais, ceras preparadas, produtos de conservação e limpeza, velas e artigos semelhantes, massas ou pastas para modelar, ceras para dentistas e composições para dentistas à base de gesso
35. Matérias albuminóides; produtos à base de amidos ou de féculas modificados, colas; enzimas
36. Pólvoras e explosivos; artigos de pirotecnia; fósforos; ligas pirofóricas; matérias inflamáveis
37. Produtos para fotografia e cinematografia
38. Produtos diversos das indústrias químicas

Seção VII **Plástico e suas Obras; Borracha e suas Obras**

Capítulos:

39. Plásticos e suas obras
40. Borracha e suas obras

Seção VIII Peles, Couros e Peleteria (peles com pêlo*) e obras destas matérias; artigos de correeiro ou de seleiro; artigos de viagem, bolsas e artefatos semelhantes; obras de tripa

Capítulos:

41. Peles, exceto a peleteria (peles com pêlo*), e couros
42. Obras de couro; artigos de correeiro ou de seleiro; artigos de viagem, bolsas e artefatos semelhantes; obras de tripa
43. Peleteria (peles com pêlo*) e suas obras; peleteria (peles com pêlo*) artificial

Seção IX Madeira, carvão vegetal e obras de madeira; cortiças e suas obras; obras de espartaria ou cestaria

Capítulos:

44. Madeira, carvão vegetal e suas obras de madeira
45. Cortiça e suas obras
46. Obras de espartaria ou de cestaria

Seção X Pasta de madeira ou de outras matérias fibrosas, celulósicas; papel ou cartão de reciclar (desperdícios e aparas); papel e suas Obras

Capítulos

47. Pastas de madeira ou de outras matérias fibrosas celulósicas; papel ou cartão de reciclar (desperdícios e aparas)
48. Papel e cartão; obras de pasta de celulose, de papel ou de cartão
49. Livros, jornais, gravuras e outros produtos das indústrias gráficas; textos manuscritos ou datilografados, planos e plantas

Seção XI Matérias Têxteis e suas Obras

Capítulos:

50. Seda
51. Lã e pêlos finos ou grosseiros, fios e tecidos de crina
52. Algodão
53. Outras fibras Têxteis vegetais; fios de papel e tecido de fios de papel
54. Filamentos sintéticos ou artificiais
55. Fibras sintéticas e artificiais, descontínuas
56. Pastas (“ouates”), feltros e falsos tecidos; fios especiais; cordéis, cordas e cabos; artigos de cordoaria

57. Tapetes e outros revestimentos para pavimentos, de matérias têxteis
58. Tecidos especiais; tecidos tufados; rendas; tapeçarias; passamanarias; bordados
59. Tecidos impregnados, revestidos, recobertos ou estratificados; artigos para usos técnicos de matérias têxteis
60. Tecidos de malha
61. Vestuário e seus acessórios, de malha
62. Vestuário e seus acessórios, exceto de malha
63. Outros artefatos têxteis confeccionados; sortidos; artefatos de matérias têxteis, calçados, chapéus e artefatos de uso semelhante, usados; trapos

Seção XII Calçados, Chapéus e Artefatos de Uso Semelhante, guarda-chuvas, guarda-sóis, bengalas, chicotes, e suas partes; penas preparadas e suas obras; flores artificiais; obras de cabelo

Capítulos:

64. Calçados, polainas e artefatos semelhantes, e suas partes
65. Chapéus e artefatos de uso semelhante, e suas partes
66. Guarda-chuvas, sombrinha, guarda-sóis, bengalas, bengalas-assentos, chicotes e suas partes
67. Penas e penugem preparadas, e suas obras; flores artificiais; obras de cabelo.

Seção XIII Obras de Pedra, Gesso, Cimento, Amianto, Mica e Produtos Cerâmicos; vidro e suas obras

Capítulos:

68. Obras de pedra, gesso, cimento, amianto, mica ou de matéria semelhante
69. Produtos cerâmicos
70. Vidro e suas obras

Seção XIV Pérolas naturais ou cultivadas, Pedras Preciosas ou semi-preciosas e semelhantes, Metais Preciosos, Metais Folheados ou Chapeados de metais preciosos, e suas Obras; bijuterias; moedas

Capítulo:

71. Pérolas naturais ou cultivadas, Pedras Preciosas ou semi-preciosas e semelhantes, Metais Preciosos, Metais Folheados ou Chapeados de metais preciosos, e suas Obras; bijouterias; moedas



Seção XV Metais Comuns e suas Obras

Capítulos:

72. Ferro fundido, ferro e aço
73. Obras de ferro fundido, ferro ou aço
74. Cobre e suas obras
75. Níquel e suas obras
76. Alumínio e suas obras
77. Reservado para uma eventual utilização futura no sistema harmornizado
78. Chumbo e suas obras
79. Zinco e suas obras
80. Estanho e suas obras
81. Outros metais comuns; ceramais (“cermets”); obras destas matérias
82. Ferramentas, artefatos de cultelaria e talheres, e suas partes, de metais comuns
83. Obras diversas de metais comuns

Seção XVI Máquinas e Aparelhos, material elétrico, e suas partes; aparelhos de gravação ou de reprodução de som, aparelhos de gravação ou de reprodução de imagens e de som em televisão, e suas partes e acessórios

Capítulos:

84. Reatores nucleares, caldeiras, máquinas, aparelhos e instrumentos mecânicos, e suas partes
85. Máquinas, aparelhos e materiais elétricos, e suas partes; aparelhos de gravação ou de reprodução de som, aparelhos de gravação ou reprodução de imagens e de som em televisão, e suas partes e acessórios

Seção XVII Material de Transporte

Capítulos:

86. Veículos e material para vias férreas ou semelhantes, e suas partes; aparelhos mecânicos (incluído os eletromecânicos) de sinalização para vias de comunicação
87. Veículos automóveis, tratores, ciclos e outros veículos terrestres, suas partes e acessórios

88. Aeronaves e aparelhos espaciais, e suas partes

89. Embarcações e estruturas flutuantes

Seção XVIII Instrumentos e Aparelhos de Óptica, Fotografia ou cinematografia, medida, controle ou de precisão; Instrumentos e aparelhos médico-cirúrgicos; aparelhos de relojoaria; Instrumentos Musicais, suas Partes e Acessórios

Capítulos:

90. Instrumentos e aparelhos de ótica, fotografia ou cinematografia medida, controle ou de precisão; instrumentos e aparelhos médico-cirúrgicos; suas partes e acessórios
91. Aparelhos de relojoaria e suas partes
92. Instrumentos Musicais, suas partes e acessórios

Seção XIX Armas e Munições; suas partes e acessórios

Capítulo:

93. Armas e munições; suas partes e acessórios

Seção XX Mercadorias e Produtos Diversos

Capítulos:

94. Móveis, mobiliário médico-cirúrgico, colchões, almofadas e semelhantes, aparelhos de iluminação não especificados nem compreendidos em outros capítulos; anúncios, cartazes ou tabuletas e placas indicadoras luminosas, e artigos semelhantes, construções pré fJulicadas
95. Brinquedos, jogos, artigos para divertimento ou para esporte, suas partes e acessórios
96. Obras diversas

Sessão XXI Objetos de arte, de coleção de antigüidades

Capítulo:

97. Objetos de arte, de coleção e antigüidade